



# CONTRIBUTO PARA UMA HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO: AS PAREDES MESTRAS – DA ARQUEOLOGIA À ARQUITETURA TRADICIONAL DE MÉRTOLA

Maria de Fátima Palma<sup>1</sup>, Susana Gómez Martínez<sup>2</sup>, Virgílio Lopes<sup>3</sup>, Miguel Reimão Costa<sup>4</sup> e Cláudio Torres<sup>5</sup>

<sup>(1)</sup> Campo Arqueológico de Mértola. FCT. tuchapalma@hotmail.com

<sup>(2)</sup> Campo Arqueológico de Mértola / CEAACP. Universidade do Algarve. susanagomez@sapo.pt

<sup>(3)</sup> Campo Arqueológico de Mértola / CEAACP. virgilioamlopes@sapo.pt

<sup>(4)</sup> Universidade do Algarve. Campo Arqueológico de Mértola / CEAACP. mrcosta@ualg.pt

<sup>(5)</sup> Campo Arqueológico de Mértola / CEAACP. geral@camertola.pt

**Palavras-chave** técnicas construtivas, alvenaria de xisto, taipa, património construído

## 1. Introdução

A investigação realizada pelo Campo Arqueológico de Mértola (CAM), em especial no âmbito da arqueologia mas também da arquitetura tradicional, tem revelado informação relevante em diferentes domínios da história da vila, entre os quais se contam os processos construtivos tradicionais. A instalação de populações no esporão rochoso onde se implantou a povoação de Mértola, e onde na Idade Média se construiu o Castelo, iniciou-se ainda durante a Idade do Bronze e permaneceu com continuidade até aos nossos dias. A nível da topografia, a zona do esporão é constituída por plataformas com distintas cotas, dispostas em socalcos, onde se implantavam as estruturas habitacionais e defensivas da cidade (Fig. 1).

Com a presente comunicação, pretende-se refletir sobre alguns dos temas de continuidade e descontinuidade que poderão marcar o recurso aos materiais disponíveis no lugar ou a outros provenientes do exterior e a diversidade de técnicas construtivas tradicionais, compreendendo vários momentos da história deste lugar.

Deste modo, serão consideradas as diferentes tipologias edificadas, desde as estruturas militares aos espaços religiosos ou aos edifícios da habitação. A caracterização, no âmbito deste estudo, das técnicas construtivas de Mértola combina

os instrumentos da arqueologia, da arquitetura tradicional e das experiências aplicadas, privilegiando os aspetos relacionados com a execução das paredes mestras e concluindo com a referência a algumas experiências de reabilitação com recurso a técnicas tradicionais.

Deste modo, considerar-se-á, num primeiro momento, uma intervenção arqueológica específica realizada na área contígua ao edifício da antiga prisão (atual Biblioteca Municipal) com estruturas de diferentes períodos. Num segundo momento serão caracterizados alguns aspetos particulares das estruturas construídas de Mértola e das técnicas construtivas dos determinados períodos. E por fim, será revisitada a experiência de reabilitação do Mosteiro no monte do Mosteiro, onde, entre outros processos construtivos, se recorreu à execução de paredes de alvenaria de xisto e de taipa.

## 2. A arqueologia das estruturas a Poente da antiga cadeia

Na intervenção arqueológica na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola verificou-se uma sequência estratigráfica que, em certos locais, atingiu mais de quatro metros de altura, aferindo-se a existência de diversas ocupações do sítio, desde os bem conservados níveis da Idade



Fig. 1 - Vista do núcleo intramuros de Mértola a partir de Sul



do Ferro, que podemos datar genericamente entre o início do século VI/V a.C. e o século II a.C., aos níveis de Época Romano-Republicana, alguns níveis da Antiguidade Tardia, de Época Islâmica (Almóada) e de Época Moderna.

Neste arqueossítio, o primeiro momento construtivo identificado corresponde à primeira ocupação defensiva do local no século VI/V a.C.. A fração da estrutura defensiva identificada é considerável, tratando-se de um troço de muralha com orientação Este-Oeste, com cerca de 2m de largura, construído com pequenas e médias pedras de xisto (mais ou menos quadrangulares nas faces), formando fiadas regulares com argamassa de barro e por vezes apenas terra. Este troço de muralha datada da Idade do Ferro sofreu transformações, na medida em que sobre ela assenta a muralha Romano-Republicana do século II a.C. (zona Oeste) e na zona Sul foi destruída para sobre ela assentar os alicerces das construções do período Islâmico. Finalmente, sobre o seu troço mais a Leste assenta a muralha Medieval da Vila, que se apoia nela, cortando-a, precisamente, na zona onde sobre ela se estabelece. Esta muralha da Idade do Ferro encontra-se sob os níveis Romano-Republicanos e está associada a estratos bem selados, com muitos materiais pré-romanos, entre os quais se encontram relevantes importações de diversos pontos do Mediterrâneo. Tal como acontece com este troço de muralha da Idade do Ferro, também o torreão Romano-Republicano se encontra sobre os eixos longitudinais da muralha Medieval da Vila, a qual a aproveitou em grande medida para assentar sobre as estruturas previamente existentes os seus alicerces, impossibilitando assim a compreensão total destes troços de muralhas mais antigos.

No entanto, a primeira ocupação do sítio terá ocorrido em momentos anteriores. Isto, porque numa outra zona da escavação foi detetado o topo de outra estrutura de grande envergadura, com 2,20m de largura, a qual se encontra sob a muralha Romano-Republicana e por sua vez numa cota abaixo do troço de muralha da Idade do Ferro. Porém, devido às limitações impostas pelas obras de construção do edifício da Biblioteca, ficou por averiguar a sua dimensão e qual a função neste imbricado de sobreposições de diferentes estruturas.

No que respeita às técnicas construtivas, é importante referir que se notam algumas diferenças entre os vários momentos construtivos das diversas ocupações do espaço, isto é, registam-se alterações no modo construtivo entre os diferentes períodos históricos mas não nos materiais utilizados na sua construção. Os muros conservados de diferentes épocas possuem características comuns, as quais se definem por paredes de alvenaria construídas por pedras de xisto de média e pequena dimensão, irregulares, ligadas, na sua maioria, por terra, possuindo uma largura média de 0,50m. Os aparelhos são cuidados no exterior, apresentando pedras com faces bem aparelhadas. No entanto, nas muralhas, a construção difere dos muros das habitações e de outras construções, quer do período Islâmico, quer dos períodos precedentes. As muralhas identificadas tinham como elemento construtivo comum a pedra de xisto de média dimensão, bem talhada, de forma quadrangular e bem ligada com terra e muitas das vezes argila, formando assim um aparelho bastante consistente e homogéneo, resistindo ao passar dos séculos.

De referir que em muitos dos muros identificados se verificou a quase total ausência de valas de fundação, sobretudo nos muros de Época Islâmica que assentavam quase todos sobre as estruturas preexistentes, como é o caso dos compartimentos do patamar inferior. A sustentação de alguns dos muros mais consistentes, assim como da muralha Romano-Republicana, era conseguida por uma seleção deliberada no tamanho das pedras que constituíam as suas paredes, que, ao nível da base, eram blocos de maior dimensão, diminuindo o seu tamanho à medida que a parede subia



Fig. 2 - Troços de muralhas e outras estruturas na escavação da área de ampliação da Biblioteca Municipal

em altura (Palma, 2009). Nota-se a total ausência, nas construções destes muros e muralhas, de materiais mais luxuosos como é o caso do mármore, mesmo que fosse reaproveitado.

Esta intervenção encontra-se num ponto-chave para a compreensão da estruturação da entrada no núcleo urbano da cidade, com presença de estruturas defensivas desde os primórdios da ocupação, bem como de uma das suas principais portas – Porta de Beja – do estabelecimento de tropas, de locais de comércio e do eixo de ligação com o resto da cidade intramuros. No entanto, apesar da potência estratégica posta a descoberto, a sequência cronológica é complexa não permitindo um total desvendamento da interligação de grande parte destas estruturas.

As atuações em sítios urbanos proporcionam leituras complexas das sucessões ocupacionais, sendo possível documentar, neste caso, cinco fases diferentes. A ocupação mais recente corresponde à zona que foi utilizada como horta agrícola, no patamar superior. Depois temos, no patamar inferior, o forno de Época Moderna. Neste mesmo momento, no patamar superior, terá sido praticado o enterramento de um indivíduo, relacionado com os enterramentos junto da Igreja Matriz. Em Época Medieval temos uma ocupação que abrange tanto o patamar superior como inferior, com níveis habitacionais e de trabalho relacionados com o término do bairro islâmico da alcáçova. A ocupação de Época Romana-Republicana traduz-se, sobretudo, nas estruturas defensivas da muralha e seu torreão. Finalmente, quanto à Idade do Ferro, as unidades são estanques e traduzem-se na maior parte em níveis selados, associados a um troço de muralha defensivo (Fig. 2).

### 3. A Época Romana e a Antiguidade Tardia

A área intramuros da Mértola atual deve corresponder sensivelmente à mesma do período romano, ou seja, um espaço urbano de 50.000m<sup>2</sup>. As muralhas teriam certamente um traçado muito idêntico ao atual e, para além do caráter defensivo, eram, em última instância, o elemento estrutural de sustentação da plataforma artificial voltada para o rio Guadiana. Por outro lado, sabemos hoje que o espaço exterior às muralhas, para o lado Norte, também se encontrava ocupado por armazéns e espaços ligados ao comércio e que idênticas infraestruturas existiam na margem esquerda do Guadiana, onde hoje se localiza o núcleo populacional de Além-Rio.

No que concerne ao traçado das ruas, os dados arqueológicos são quase inexistentes. Apenas são conhecidas com alguma segurança a porta do Forum, que faria a ligação da cidade com as zonas a Norte, e a porta da Ribeira, que ligava a cidade ao rio e à zona portuária. Para vencer o declive natural do terreno, entre as curvas de nível marcadas pelos arruamentos, foram criadas plataformas artificiais para assentamento das habitações. A topografia adversa não permitia qualquer veleidade de aplicação dos modelos tradicionais do urbanismo romano, obrigando a aproveitar um possível traçado anterior que, por sua vez, não devia diferir muito do seu aspeto atual: ruas apertadas e sinuosas, seguindo grosseiramente as curvas de nível, são ligadas transversalmente por escadas e vielas.

Para caracterizar a topografia histórica referente ao período romano são poucos os elementos seguros de que dispomos, o que se deve sobretudo ao facto de só pontualmente terem sido escavados níveis romanos. Apesar disso, têm sido recolhidos, em deposições secundárias, materiais arqueológicos cerâmicos que apontam para uma ocupação ininterrupta desde a Idade do Ferro até à atualidade. No que concerne aos materiais romanos, estes revelam os mais diversos tipos e origens.

Na Antiguidade Tardia, Myrtilis manteve a sua importância económica e vocação mercantil. Os dados arqueológicos revelam que a atividade do porto de Mértola não decaiu e, a atestá-lo, estão as diversas importações de cerâmicas do Mediterrâneo oriental. A cidade, em si mesma, era a placa giratória das riquezas comerciais e minerais que atravessavam o território em carroças ou no dorso de animais e, já embarcadas, desciam até ao mar e daí aos portos mediterrâneos. No sentido inverso chegavam mercadorias exóticas, múltiplos artigos provenientes de outras paragens, bem como outras gentes, com as suas linguagens, cultos e culturas. Este constante vaivém trouxe os primeiros evangelizadores e a nova mensagem começou a florescer entre os patrícios e plebeus da Myrtilis romana, numa época em que o culto se oficializava e as várias comunidades religiosas podiam conviver simultaneamente.

Do complexo sistema de amuralhamentos do burgo é de realçar a parede exterior do criptopórtico, troço paradigmático das construções da Antiguidade Tardia. Neste complexo sistema defensivo destacam-se, pela sua monumentalidade, as construções situadas nas imediações do porto, onde a torre do rio fazia a ligação da muralha ao curso fluvial, e uma torre semicircular, situada a montante, criando uma forte estrutura de defesa de uma das principais entradas e a grande razão da existência de Mértola – o rio e o porto. A completar todo o sistema defensivo estaria uma forte muralha que circunda a cidade em que os largos panos e torres, com as suas respetivas portas, proporcionavam simultanea-



Fig. 3 - Pormenor do desenho com incisões do falso aparelho construtivo em porta da mesquita de Mértola

mente a defesa e a estruturação do urbanismo do casco histórico que envolve.

Todo este conjunto defensivo foi alvo de obras que incluíram demolições, restauros, consolidações, capeamentos e, nalguns sítios, como no castelo, se estenderam até aos dias de hoje. Estas obras mantiveram de pé a maior parte das muralhas e do castelo, inviabilizando, no entanto, a possibilidade de uma análise mais cuidada a nível da leitura dos paramentos. Neste contexto, os locais menos afetados foram a parede exterior do criptopórtico e a torre do rio que, pela sua consistência construtiva, apenas pontualmente foram alvo de pequenas consolidações feitas, respetivamente, em 1992 e 2005.

A reutilização dos materiais pétreos construtivos e decorativos foi uma constante na Antiguidade Tardia, e como diz Estácio da Veiga a propósito da parede exterior do criptopórtico e que se pode adaptar para as construções coetâneas: “[...] começam a manifestar-se no revestimento externo varias pedras, incluindo belos mármorees, que bem significam haver pertencido a nobres edificios. Quase toda a cortina adherente ao baluarte fronteiro à ermida da Senhora das Neves é abundante d’esta mescla, incluindo espaçosas pedras rectangulares de granito, que necessariamente vieram de grande distancia e não para construcção das muralhas” (Veiga, 1983: 78).

Na Antiguidade Tardia, no que concerne às técnicas e aos materiais construtivos, temos uma continuidade construtiva que vem do período romano. Não se perdeu o saber-fazer da sólida construção em *opus caementicium*, quer nas construções estruturantes, como a Torre do Rio, ou na parede exterior do criptopórtico, bem como o *opus signinum* que deu forma aos batistérios e serviu de cobertura às sepulturas do Rossio do Carmo, da Basilica do Cineteatro e do Mausoléu. Também as abóbadas construídas com lajes de xisto sobreviveram no interior do criptopórtico e nos pilares da torre do rio ou foram comprovadas arqueologicamente na cobertura dos batistérios. Ou ainda as apuradas técnicas musivas que cobriam os pavimentos do complexo religioso.

No que concerne aos materiais construtivos temos, em primeiro lugar, o xisto local (de cor cinzenta ou castanha), formando um pequeno aparelho de taliscas, ou blocos aparelhados, com a face para o exterior, dispostos em fiadas regulares ligado por uma forte argamassa de cal hidráulica, apesar de pontuarem e haver alguns panos construídos com silhares de granito, mármore e calcário nas diversas construções de carácter militar e religioso deste período.

#### 4. O período islâmico

As técnicas construtivas documentadas em Mértola em Época Islâmica revelam, em primeiro lugar, uma forte diferenciação entre construções públicas e construções privadas no que diz respeito aos materiais e técnicas utilizadas. No âmbito do privado, o uso da taipa e da alvenaria de pedra ligada com barro é generalizado, enquanto os edifícios públicos utilizam uma maior diversidade de técnicas, a argamassa de cal como elemento agregador e uma maior variabilidade de soluções construtivas em virtude da função do edifício, do elemento estrutural em causa e do momento da sua construção.

O testemunho mais antigo de construções de época islâmica que temos em Mértola refere-se ao reforço da fortificação realizado por `Abd al-Mālik Abī I-Ġawwād no século IX. É difícil atribuir a esta época troços específicos da fortificação de Mértola. No entanto, a sequência estratigráfica documentada numa sondagem realizada no interior do castelo permite atribuir uma cronologia emiral ao pano norte (Palma e Gómez, 2013). Trata-se de uma alvenaria irregular de xisto assente com argamassa e com alguns blocos de materiais exógenos, como o granito e o mármore, certamente reutilizados de construções da Antiguidade. Junto deste último pano de muralha, no exterior do recinto, foi encontrado o

embasamento de um torreão de 3,10m por 2,10m (Macias, 2006: 219) de pedra de xisto irregular de mediana dimensão organizada em fiadas regularizadas com rípios e rematadas com silhares de granito nos cunhais. Poderá ter sido esta mesma técnica a utilizada na porta original do castelo que propomos ser de acesso direito flanqueado por duas torres quadrangulares (Palma e Gómez, 2013: 406).

Uma nova campanha de obras é atribuída a Abū Ya`qūb Yūsuf que teria reparado a fortificação e reconstruído a porta do castelo em 566 H./1171 d.C. Desta época data, a julgar pelas fontes e pela sondagem realizada na própria torre, a entrada em cotovelo da porta principal. Embora a técnica construtiva não difira no essencial da utilizada no período omíada, o ponto mais nobre da nova estrutura mereceu uma cuidada fábrica realizada com pedra talhada de raiz para a construção. É precisamente a configuração e disposição dos silhares de calcário que constituem a porta, o que permitiu a Samuel Márquez e Pedro Gurriarán (2011) atribuir uma autoria almóada a esta construção que configuraria um arco abtido semelhante a outros documentados em Niebla.

Em contraposição, as construções de carácter habitacional parcialmente escavadas no interior do castelo, datadas dos séculos X-XI, revelam técnicas construtivas menos cuidadas: muros de alvenaria de pedra assente apenas com barro, construídos com blocos mais irregulares do que os usados na fortificação, que estariam recrescidos em taipa, facto que não foi possível confirmar arqueologicamente.

A mesquita (atual igreja matriz) é muito mais rica em diversidade de materiais e soluções construtivas do que os restantes edifícios. Levanta algumas dúvidas a datação da estrutura que suporta o *mihrab* almóada. Assente sobre estruturas da Antiguidade Tardia construídas em *opus africanum*, foi executado com grandes silhares de granito. Pensamos que a argamassa que preenche atualmente as juntas foi colocada posteriormente e que, originalmente, seria um muro de pedra seca. A disparidade de técnicas em relação à construção almóada leva-nos a interpretar este alicerce do *mihrab* como uma construção omíada com a mesma função.

A construção almóada do templo possui características específicas diferenciadas tanto das construções domésticas como das fortificações do mesmo período. Os materiais utilizados são o tijolo, a pedra de xisto de formas irregulares e o silhar de granito reutilizado de construções anteriores. A argamassa de cal é o elemento fixador, em todos os casos. O tijolo foi utilizado, por exemplo, na abóbada de quarto de esfera do *mihrab* e nas portas e contrafortes, onde é complementado com silhares de granito que reforçam a parte inferior. Também são em pedra de granito as impostas dos arcos. As paredes foram construídas alternando fiadas de pedra e bandas de duas ou três fiadas de tijolo, como mostram os registos das obras da DGEMN dos anos 40 do século XX.

O acabamento exterior das paredes consiste num revestimento de argamassa de cal, parcialmente conservado, sobre o qual se desenharam com incisões um falso aparelho construtivo que, no entanto, respeita as opções de desenho arquitetónico, por exemplo, no traçado dos arcos de ferradura do muro norte da mesquita (Fig. 3). Este revestimento argamassado exterior é muito menos cuidado do que o empregue na parte mais nobre do edifício, o *mihrab*, que conserva uma boa parte do estuque original com cerca de 4cm de espessura. Nele foi talhada uma arcaria cega assente sobre uma cornija e encimada por um "Cordão da Eternidade" retilíneo inciso. As escavações efetuadas no interior do *mihrab* permitiram identificar o pavimento original da mesquita que estaria construído com uma simples camada de argamassa pouco rica em cal.

Estes mesmos materiais construtivos podem ser encontrados nas construções domésticas do século XII e das primeiras décadas do século XIII, se bem que com uma



Fig. 4 - Obra de recuperação do mosteiro do monte Mosteiro

menor destreza nas soluções arquiteturais tanto de arcos e abóbadas como de revestimentos argamassados. As paredes mestras das vivendas eram construídas sobre alicerces de alvenaria de pedras irregulares de xisto assentes com barro e recrescidas com taipa. A reutilização de silhares de granito ou pedras de mármore provenientes das construções da Antiguidade Tardia subjacentes não é rara, mas não chega a ser sistemática, nem a colocação destes materiais reutilizados responde a lógicas específicas. As paredes revestiam-se de uma camada de argamassa de barro e cal que depois era caiada. A compartimentação interior dos espaços recorria habitualmente a tabiques de adobe. Os pavimentos eram muito mais variados: tijoleira, argamassa de cal pintada com almagre, lajes de xisto ou terra batida.

##### 5. Da época medieval cristã à contemporaneidade

Com a chegada dos exércitos cristãos, fortes transformações vão ocorrer, tanto nas estruturas públicas como domésticas, tanto no traçado dos edifícios como nos estilos arquitetónicos. No entanto, os materiais e as técnicas de construção manter-se-ão muito semelhantes. Na fortificação, a principal obra dos conquistadores da Ordem de Santiago foi a imponente Torre de Menagem, que foi construída também com alvenaria de xisto travada com argamassa de cal e elementos estruturais (cunhais, portas, arcos e abóbadas) construídos com silhares bem lavrados, se bem que de distintos materiais (regra geral, arenitos e calcários). Estas mesmas opções confirmam-se nas obras de remodelação da mesquita no século XVI, se bem que neste caso também se mimetizam soluções ensaiadas no templo almóada, como por exemplo nas alvenarias formadas por fiadas de pedra alternando com tijolo que encontramos no arcobotante que reforça o canto nordeste da Igreja Matriz.

Pese embora as transformações significativas que, a nível da organização da habitação, marcarão a transição da Época Medieval Islâmica para as Épocas Medieval Cristã e Moderna, a combinação da alvenaria de xisto e da taipa continuará a marcar decisivamente a arquitetura doméstica da vila (Barros *et al.*, 1996). O processo de densificação que ocorre no interior da vila intramuros em diferentes períodos do Antigo Regime terá reflexos a nível da consolidação de uma morfologia profundamente adaptada às circunstâncias topológicas: com alguma frequência encontraremos os

diferentes espaços domésticos separados por lances de três ou quatro degraus; a superfície do piso térreo é quase sempre menor que a do piso superior; a presença do afloramento rochoso passa frequentemente do exterior para o interior da habitação, onde poderá ser dissimulada com a construção de um poial.

A nível dos processos construtivos tradicionais, o recurso à alvenaria de xisto não se restringe, assim, ao soco das paredes de taipa, já que a implantação contra a encosta resulta também na execução em pedra da parede tardoz destas edificações. Nalguns casos, o assento e arranque da alvenaria ocorre a uma cota superior ao pavimento do piso térreo, resultando, uma vez mais, na presença da rocha no interior da habitação (neste caso, nos compartimentos posteriores do piso térreo). A adaptação, em terraços, do conjunto edificado à vertente traduzir-se-á frequentemente na significativa extensão da cobertura telhada que se prolonga, no mesmo plano, com recure diversas habitações vizinhas, abrindo nalguns casos espaço às águas furtadas.

Se este processo de integração parcimoniosa se manterá, já em época contemporânea, na construção ou transformação das edificações mais ou menos modestas, noutros casos, e já sob o ciclo da exploração do minério nas Minas de São Domingos, assistir-se-á ao aparecimento de novas edificações apalaçadas que afirmam uma organização espacial mais liberta das circunstâncias topológicas (desbaste significativo do afloramento) ou históricas (demolição de diversas preexistências). Este despreendimento relativamente aos custos poderá resultar também no recurso mais fácil à alvenaria de xisto (de construção mais lenta e custosa por comparação com a taipa) e na introdução de novas soluções, quer a nível dos revestimentos e elementos de fachada (característicos da arquitetura oitocentista, por vezes, tardia) e da cobertura (integração de asnas e trapeiras).

A construção corrente das paredes de alvenaria de xisto não incluía o aparelhamento da pedra mas a escolha da melhor face para o exterior de cada um dos paramentos em fiadas executadas em simultâneo, considerando diferentes tipos de travamento: longitudinal, quando o assentamento da pedra ocorria com descontinuidade das juntas verticais entre fiadas que pode ser verificado em cada um dos panos da parede; transversal, com recurso a blocos de diferentes dimensões com sobreposição alternada em fiadas subseqüentes; e dos cunhais, com a maior dimensão das pedras a ser disposta alternadamente no sentido das duas fachadas. Marcando, mais uma vez, a continuidade com a execução de alvenarias correntes de períodos anteriores, a pedra era assente com barro e com recurso frequente a escassilhos de talisca entre fiadas.

Para a execução das paredes de taipa privilegiavam-se as terras com muita pedra talisca, trazidas de lugares mais ou menos próximos, que favoreciam a sua resistência e durabilidade, contrariavam o processo de desagregação e facilitavam a aplicação do reboco. As dimensões dos blocos que foi possível recolher nas paredes dos edifícios da vila intramuros variavam entre os 164/180 centímetros na maior dimensão e os 40/50 centímetros na menor. O guarnecimento dos vãos aparece recorrentemente associado ao tijolo maciço de obra cozida nas golas das ombreiras e padieiras.

## 6. Um caso de estudo: O mosteiro do monte Mosteiro

O pequeno templo do monte Mosteiro foi identificado por Cláudio Torres, nos finais dos anos 70 do século XX e, em 1995, foi alvo de um estudo específico por parte de Justino Maciel e João P. Martins (1995: 499-506). No ano de 1999 a Câmara Municipal de Mértola adquiriu o edifício a fim de se proceder à sua recuperação e valorização e na primeira década do século XXI foi possível reunir meios e esforços para desenvolver e concluir este projeto. Nos trabalhos de escavação arqueológica, recuperação e musealização participaram, para além dos investigadores e técnicos do Campo

Arqueológico de Mértola, os alunos e professores da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça e, posteriormente, da Escola Profissional Alsud. A recuperação e a intervenção arqueológica, levadas a cabo no edifício e na área envolvente, constituíram-se como um laboratório prático de aprendizagem para os alunos e permitiram a valorização do monumento.

O edifício foi alvo de um processo de conservação e recuperação, no ano de 2006, levado a cabo pelos alunos e professores do curso de Técnico de Recuperação do Património Edificado da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, delegação de Mértola. Esta intervenção teve como finalidade corrigir as patologias existentes, dado o estado de abandono e de ruína em que o edifício se encontrava. Neste processo foram empregues as tecnologias tradicionais de construção, como a taipa, a alvenaria de pedra (Fig. 4) e o telhado tradicional com telhas de meia cana aplicadas sobre caniço. Sempre que possível recorreu-se aos materiais construtivos existentes localmente: a terra para fazer a taipa, a pedra local para a alvenaria, os pequenos seixos de quartzo para o pavimento. A elaboração do caniço da cobertura incluiu a colheita e a preparação das canas. Por fim, foi usada cal para cair o edifício e para a pintura das portas recorreu-se a uma mistura de produção tradicional.

No decorrer da obra de recuperação foi ensaiada uma leitura da arqueologia da arquitetura. Esta consistiu na realização do levantamento integral do monumento à escala 1/20, na leitura dos paramentos e na proposta de reconstituição do processo de evolução construtiva do edifício de modo a perspetivar as soluções a aplicar na sua recuperação. A única alteração proposta constou na reposição da janela existente no centro da abside, que se encontrava parcialmente entaipada, com recurso ao reaproveitamento de elementos pétreos. No fundo, tratou-se de restituir a forma original da janela do templo. Foi sempre propósito da intervenção pôr em prática um projeto integrado para o edifício que incluísse a escavação arqueológica, a recuperação do templo, a musealização do espaço e a publicação dos resultados. O mosteiro do monte Mosteiro, a par das intervenções realizadas na Ermida de S. Sebastião em Mértola (1999-99) e da ermida de S. Barão (2000-4), constituem três exemplos paradigmáticos de recuperações e da valorização feitas no património religioso do concelho de Mértola.

## Bibliografia

BARROS, F. R., BOIÇA J. F., e GABRIEL, C. (1996). *As comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As visitasões e os tombos da Ordem de Santiago 1482-1607*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

MACIAS, S. (2006). *Mértola, o último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

MÁRQUEZ BUENO, S., e GURRIARÁN DAZA, P. (2011). Las puertas monumentales en las fortificaciones del occidente andalusí. In *La marca inferior de al-Andalus*. Mérida: CUPARQ / Mérida Consorcio Ciudad Monumental.

PALMA, M. F. (2009). *Arqueologia urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal): contributos para a história local*. Huelva. Dissertação de mestrado em Arqueologia e Património apresentada à Universidade de Huelva.

PALMA, M. F. e GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (2013). O Castelo de Mértola em Época Islâmica. In FERNANDES, I. C. F. (coord.). *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb – Séculos VI a XVI*. Lisboa: Colibri / Campo Arqueológico de Mértola.

MACIEL, M. J. e MARTINS, J. P. (1995). *Monasterium e Ecclesia de S. Salvador no monte do Mosteiro (Mértola)*. In *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*, pp. 499-506. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.

VEIGA, E. da (1983). *Memórias das Antiguidades de Mértola*. Lisboa: Imprensa Nacional e Mértola: Câmara Municipal de Mértola.